



resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o

# DIREITO AO GRITO

n.1 | Ruas do Desterro

*Um primeiro grito desencadeia todos os outros, o primeiro grito ao nascer desencadeia uma vida, se eu gritasse acordaria milhares de seres gritantes que iniciariam pelos telhados um coro de gritos e horror. Se eu gritasse desencadearia a existência – a existência de quê? a existência do mundo.*



Há muito tempo não nos sentíamos tão vivos. Nossos quartos e nossas casas não podem mais nos conter. O grito mudo que carregamos no peito aos poucos transforma-se em palavras: de passe livre à democracia. Você escolhe. Sinta-se à vontade contra a Tarifa, Belo Monte, Felícios e Felicianos, Estatutos do Nascimento. As palavras não são propriedade de ninguém. Podemos roubá-las e fazer delas o que bem entender (até mesmo a Justiça, esta palavra amiga de tempos antigos, sequestrada pelo Estado). Cada um, nesta noite, é um mundo. Grito, Liberdade, Educação. A polícia e a imprensa tentam nos identificar e catalogar: não vão conseguir. Somos os negros, os universitários e secundaristas. Somos os gays e lésbicas, os travestis e transsexuais. Somos as históricas, os ansiosos e os doentes. Somos os índios. Dos Munduruku aos Guarani Kaiowá. Somos o rio Xingu desembocando no sertão do Ribeirão. Somos tudo isso - mas somos muito mais. Não somos todos. Somos muitos e isso basta.

Nenhum de nós, contudo, nos enganamos. Essas palavras criam laço e delas nos tornamos amigos: mas não há letra que nos baste. Nossos nomes são como objetos de nossa coleção interminável. Todos os objetos que guardamos se inquietam - nenhum deles fica no armário, são combustível para a revolta. Não podem nos calar, nem podem nos satisfazer. Este nome que nos falta nos faz vivos: nos faz invencíveis. Assim, podemos sair às ruas pelos motivos que bem entendermos - e saímos. Tomamos as ruas porque sair às ruas é preciso, ainda que nada tivéssemos para dizer. Por isso a dança: porque a dança é o antídoto contra o silêncio da palavra que falta. Esta noite é acima de tudo uma festa. A rua é a nossa arquibancada. É o nosso Salão. A ponte pode ser a nossa Bastilha.

De todas as palavras de ordem restará o gesto. Nossos corpos obstruindo o tempo acelerado dos carros. As catracas em chamas. Já não somos mais os mesmos. Não temos mais medo. Não queremos o mármore: queremos a murta. Queremos Tarifa Zero, teto, Terra, trabalho, pão, saúde, educação, independência, democracia e liberdade, queremos uma vida sem catracas, Não queremos tudo, queremos o grito - e algo mais.

Em Belo Monte, na Amazônia, no campo e nas cidades, um mesmo projeto nos é imposto à força: a barragem dos fluxos vitais e o livre fluir das energias letais. É contra isso que estamos lutando.

## **ESCU TA ESSE GRITO QUE VEM DA RUA? É O COMEÇO DO MUNDO**

**Só quando os homens se reúnem em praça pública, quando ocupam a rua, há política, que é um acontecimento. Toda política é ocupação. Ocupação que não leva a uma estabilidade. A posse contra a propriedade.**

**NINGUÉM TEM O DIREITO DE OBEDECER**

